

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
11 de Fevereiro de 2023

YAMA NO ANATA / 2011 “Para Além das Montanhas”

um filme de Aya Koretzky

Realização, Argumento, Fotografia, Som e Música: Aya Koretzky / **Montagem:** Tomás Baltazar / **Música:** Pedro Góis, Jiro Koretzky, Aya Koretzky / **Com:** Anuta Koretzky, Jiro Koretzky, Aya Koretzky.

Produção: Andar Filmes / **Produtor:** Miguel Clara Vasconcelos / **Cópia:** Nitrato Filmes, em DCP, cor, falada em japonês, francês, português, legendada em português / **Duração:** 62 minutos / **Primeira exibição em Portugal:** 27 de Outubro de 2011, Doclisboa 2011, Prémio de Melhor Longa-Metragem Portuguesa / **Estreia em Portugal:** 26 de Junho de 2014 / **Primeira exibição na Cinemateca:** 30 de Março de 2017, Cinema Português: Novos Olhares – I.

Yama no Anata / Para Além das Montanhas é apresentado em “Double Bill” com **What Maisie Knew**, de Babette Mangolte (“folha” distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

Yama no Anata ou “**Para Além das Montanhas**”, primeira longa-metragem de Aya Koretzky, é um filme de uma extrema sensibilidade que afirma toda a sua singularidade do primeiro do primeiro ao último plano. Obra autobiográfica assente em grande parte em imagens dos arquivos familiares da realizadora, fotografadas ou filmados em vídeo, em cartas trocadas por Aya em criança com os seus amigos e entre a família, mas também em imagens filmadas no presente, **Para Além das Montanhas** conduz-nos a uma viagem através de duas culturas e de dois países – Japão e Portugal – convidando-nos a olhar para Portugal com outros olhos a partir da história dos seus pais, que poucos anos depois de Aya nascer decidem deixar Tóquio para se instalar em Portugal.

Um filme que interroga um projecto de vida que troca a agitação ou a poluição do Japão por uma tentativa de auto-suficiência e de uma maior comunhão com a natureza, numa quinta recuperada de raiz a partir de uma ruína na zona do Mondego. São assim várias as vozes e imagens que se cruzam num filme belíssimo centrado num lugar que conhecemos bem, mas que aqui nos aparece como quase utópico “Em todo o mundo é praticamente impossível encontrar um lugar assim”, dirá Jiro Koretzky, o pai de Aya.

É belíssimo o modo como em **Para Além das Montanhas** se articulam ou encenam sons e imagens no interstício dos quais se inscreve uma inevitável dimensão poética, como é belíssima a carta que Aya nos lê, enviada pelos pais de um amigo que faleceu aos treze anos, a quem Aya escrevia todos os anos no dia do aniversário. Se Aya nos narra a sua história a partir de um país “muito verde” que começa a ser ameaçado pela poluição (a referência aos corvos na encenada sequência final é brilhante) é a partir do Japão que surgem as sensibilíssimas palavras que espelham uma atenção muito particular ao mundo natural, como a alusão às “azáleas em flor” no final da triste carta dos pais de Kazumasa, o amigo de Aya. Uma sensibilidade muito peculiar partilhada pelo filme na sua totalidade e por muitas das vozes de outros a que recorre, que não poderemos deixar de conotar com a origem japonesa da cineasta.

Como escreveu Aya Joretzky “Mergulho nas paisagens do Mondego para onde vim morar com os meus pais em criança, deixando para trás Tóquio, a cidade onde nasci. Através da leitura de cartas que troquei com os amigos e a família que permaneceram no país, reflico sobre a nossa vinda para Portugal e relembro o passado na tentativa de reter a memória efémera, numa viagem com os espíritos que permanecem comigo.”

Embora filmado num passado recente, trata-se como Aya refere de um filme de espíritos que nos permite viajar num tempo, cuja estética é muito nipónica. Um tempo repleto de coalescências e de contradições, em que as tradições ancestrais coexistem com a mais avançada das modernidades num e mesmo plano. Herança que a família Koretzky tão bem funde com as tradições portuguesas, num olhar cruzado por dois países em acelerada mutação. Alguns anos mais tarde Aya voltará ainda à história do pai em mais um filme diarístico, **A Volta Ao Mundo Quando Tinhas 30 Anos** (2018), em que se centra numa grande viagem que este fez alguns anos antes de se fixar em Portugal

Em **Yama no Anata**, por seu lado, deparamos com uma reflexão algo nostálgica de Aya sobre o que foi deixado para trás – as imagens de felicidade na escola nipónica e a gentileza da sua professora e amigos, contrastam com descritas dificuldades de integração na escola em Portugal – mas o que sobressai são as razões dos seus pais (que também são as suas) e o muito que construíram juntos. Um filme que, no seu magnífico elogio da natureza (e dos seus pais), se acorda plenamente com os ritmos do mundo. Ou, recorrendo às palavras de Jiro Koretzky, que retrata um “lugar entre este mundo e o outro, mas mais próximo do “outro”. Um lugar “onde a solidão não existe”, mas onde “os corvos já chegaram”, como nos dizem Anuta e Jiro por detrás das suas magníficas máscaras de animais.

Joana Ascensão